

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO

Naomy Carvalho Pires

**CAMINHANDO POR TERRITÓRIOS NEGROS: UM ESTUDO SOBRE
O PROCESSO DE TURISTIFICAÇÃO DO BAIRRO LIBERDADE (SP)**

Santa Maria, Rio Grande do Sul
2023

Naomy Carvalho Pires

**CAMINHANDO POR TERRITÓRIOS NEGROS: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO
DE TURISTIFICAÇÃO DO BAIRRO LIBERDADE (SP)**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) – Campus Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Gestora em Turismo**.

Orientador: Prof. Dr. Gilvan O. Veiga Dockhorn

Santa Maria, RS
2023

Naomy Carvalho Pires

**CAMINHANDO POR TERRITÓRIOS NEGROS: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE
TURISTIFICAÇÃO DO BAIRRO LIBERDADE (SP)**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso Superior de Tecnologia de Gestão de Turismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) – Campus Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de Gestora em Turismo.

Aprovado em trinta de janeiro de dois mil e vinte e três:

Gilvan O. Veiga Dockhorn (Dr., UFSM)
(Presidente/Orientador)

Mônica Elisa Dias Pons (Dra., UFSM)

Marcelo Ribeiro (Dr., UFSM)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer aqueles que guiam meus passos, me servindo de fio condutor nessa missão e aos que me antecedem e que por meio de sua luta histórica, me concederam a existência nesse mundo.

À Valéria, minha mãe, por ter me concebido a vida neste mundo e me ensinando tanto sobre a simplicidade e humildade de quem vem de onde nasci, me servindo de exemplo enquanto mulher forte e resiliente.

Ao Alexandre, meu pai, que apesar de todos atravessamentos sofridos enquanto corpo negro em uma sociedade racista, trabalhou incansavelmente para me proporcionar uma educação de qualidade permitindo a minha chegada até aqui e muito mais além.

À minha irmã, Brenda, que sempre se ofereceu como apoio.

Ao meu companheiro e amor, Vitor, que sempre me ofereceu aconchego em meus momentos de crises, fazendo da nossa relação um espaço de troca de experiências, ensinamentos, aventuras e simplesmente um espaço de amor e muito afeto.

As minhas crianças, Isabela, Hyan, Hayra e Henry, que me fazem acreditar na pureza e oportunidade de servir como apoio e exemplo na construção de uma trajetória a partir da educação.

Às minhas amigas Yara Alves, Julia Reis, Julia Duarte, meninas mulheres negras companheiras de longa data em minha trajetória que encheram meus encontros de felicidades, entusiasmo e coragem pra continuar.

A todas professoras e professores que permitiram o alargamento do meu conhecimento através de seus ensinamentos e que ofereceram ferramentas importantes para o desenvolvimento da presente pesquisa.

E a todos aqueles que conheci durante essa minha trajetória acadêmica e que de algum modo contribuíram e influenciaram no meu modo de caminhar e pensar o mundo, que não faço menção nominal neste agradecimento, mas que em minhas memórias estão guardados e que na de cada um de vocês, sei que me faço presente!

E um agradecimento a mim mesma, pois sei que estou correndo atrás de tudo aquilo que o mundo há de proporcionar a mim e que ainda há muito ainda a ser conquistado pela frente!
Sigamos !

"...Vamos derrubar o nome dessas ruas, essas estátuas,
botar herói de verdade nessas praças..."

(Movimento, BK')

RESUMO

CAMINHANDO POR TERRITÓRIOS NEGROS: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE TURISTIFICAÇÃO DO BAIRRO LIBERDADE (SP)

AUTOR: Naomy Carvalho Pires
ORIENTADOR: Gilvan Odival Veiga Dockhorn

O presente trabalho busca apresentar as relações entre memória, identidade, patrimônio histórico cultural e turismo cultural, demonstrando os patrimônios enquanto agentes de manutenção e preservação de memórias e identidades de determinados grupos sociais. A partir disto buscando compreender quais os patrimônios negros presentes no Bairro Liberdade, o que localiza-se no Centro Histórico da cidade de São Paulo, analisando a atuação turística sob os mesmos. Em termos teóricos envolve uma perspectiva transdisciplinar de textos sobre memória com Maurice Halbwachs (2003), sobre identidade com Stuart Hall (2014), as diferentes conceituações sobre patrimônios históricos culturais com Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional e o turismo cultural a partir da perspectiva de diferentes autores da área do turismo. Assim, tem como objetivo identificar quais os patrimônios e monumentos relacionados às memórias negras, estão representados aos olhares turísticos na região, refletindo sobre os diferentes enfoques que a atividade proporciona a partir dos interesses atrelados aos planejamentos turísticos. Desse modo, a partir da análise do processo de turistificação do Bairro Liberdade, é possível verificar as diferentes atuações do turismo num mesmo território, tendo em vista que atualmente a região é comercializada turisticamente enquanto de origem nipônica, mas obtém resquícios de memórias ligados a outros grupos sociais. Sendo possível estabelecer o turismo enquanto uma ferramenta de democratização das memórias presentes no espaço e também como uma atividade que proporciona um apagamento de memórias e identidades de outros grupos sociais que não atendam os interesses do setor público e privado.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Patrimônio. Turismo Cultural. Cultura Negra. Bairro Liberdade.

ABSTRACT**WALKING THROUGH BLACK TERRITORIES: A STUDY ON THE
TOURISTIFICATION PROCESS OF BAIRRO LIBERDADE (SP)**

AUTHOR: Naomy Carvalho Pires

ADVISOR: Gilvan Odival Veiga Dockhorn

The present work seeks to present the relationships between memory, identity, historical cultural heritage and cultural tourism, demonstrating heritage as maintenance and preservation agents of memories and identities of certain social groups. From this, trying to understand which are the black heritages present in Bairro Liberdade, which is located in the Historic Center of the city of São Paulo, analyzing the tourist activity under them. In theoretical terms, it involves a transdisciplinary perspective of texts on memory with Maurice Halbwachs (2003), on identity with Stuart Hall (2014), the different concepts of cultural historical heritage with Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional and cultural tourism from the perspective of different authors in the field of tourism. Thus, it aims to identify which heritage and monuments related to black memories are represented by tourist eyes in the region, reflecting on the different approaches that the activity provides from the interests linked to tourist planning. Thus, from the analysis of the touristification process of Bairro Liberdade, it is possible to verify the different actions of tourism in the same territory, considering that currently the region is commercialized touristically while of Japanese origin, but obtains remnants of memories linked to other social groups. Being possible to establish tourism as a tool for the democratization of memories present in space and also as an activity that erases memories and identities of other social groups that do not meet the interests of the public and private sector.

Keywords: Memory. Identity. Patrimony. Cultural Tourism. Black Culture. Bairro Liberdade.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1- Conta dos roteiros turísticos da agência Guia Negro na plataforma do Instagram..... | 31 |
| Figura 2- Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados..... | 32 |
| Figura 3-Rua Galvão Bueno..... | 33 |
| Figura 4-Guia/fundador da agência falando sobre o território..... | 34 |
| Figura 5-Largo da Forca/ Praça Liberdade..... | 35 |
| Figura 6-Rua dos Estudantes..... | 36 |
| Figura 7- Capela Nossa Senhora dos Aflitos..... | 37 |
| Figura 8-Cemitério dos Aflitos..... | 38 |
| Figura 9-Placa colocada na Jornada do Patrimônio em 2019..... | 39 |
| Figura 10- Largo Sete de Setembro/Antigo pelourinho em São Paulo..... | 41 |

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. CAPÍTULO I: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL: DEBATE TEÓRICOS | 14 |
| 2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE..... | 14 |
| 2.3 O PATRIMÔNIO CULTURAL..... | 17 |
| 2.4 TURISMO CULTURAL | 19 |
| 3. CAPÍTULO II: TURISMO CULTURAL E SUAS INTERFACES NO BAIRRO LIBERDADE..... | 22 |
| 3.2 BAIRRO LIBERDADE, SÃO PAULO -BREVE HISTORICIDADE | 22 |
| 3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 27 |
| 3.4 ENTRE RESISTÊNCIAS E APAGAMENTOS: ANÁLISE DAS ATUAÇÕES TURÍSTICAS NO BAIRRO LIBERDADE..... | 30 |
| 3.5 CAMINHADA SÃO PAULO NEGRA..... | 31 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 42 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 44 |

1. INTRODUÇÃO

O turismo enquanto uma prática social que envolve deslocamento de pessoas pelo território e que tem como seu principal objeto de consumo, o espaço (Cruz, 2003), enquanto fenômeno social de natureza dinâmica, se apropria de diferentes espaços em escala socioespacial e econômica através de seus respectivos produtores.

De acordo o relatório anual do World Travel & Tourism Council (WTTC), o Brasil ocupou a 11ª posição como maior mercado do setor de Turismo do mundo em 2021 (em 2019, estava na 13ª colocação) e colaborou com a movimentação de aproximadamente US\$ 103,5 bilhões, o que corresponde à 6,4% do PIB mundial do Turismo em 2021. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2022) A partir destes dados, conseguimos observar a importância econômica do turismo, tendo em vista que abrange um dos setores que mais cresce e movimenta a economia em escala mundial, cooperando com a emergência de postos de empregos e aumento das receitas nos serviços ofertados. Porém, dentro de um projeto de desenvolvimento atrelado somente pelo viés econômico, em todos os seus âmbitos sejam eles federais, regionais e municipais, tal prática acaba por não contemplar dimensões sociais, culturais, ambientais e políticas, ou seja, acaba por não atender às necessidades sociais e sim abarcar interesses mercadológicos.

Contudo, os destinos turísticos possuem diferentes agentes sociais (turistas, empresários, poder público, trabalhadores diretos e indiretos e população residente nos destinos turísticos, entre outros) os quais atuam no processo de territorialização de espaços, a partir das formas de turistificação, ou seja, na estruturação e ordenamento a partir de infra estruturas e políticas públicas voltadas à consolidação de um território. Em conformidade com Milton Santos (1993), o qual reconhece que o território não é apenas fundamento do Estado-nação, mas, os usos do território, definido a partir de um conjunto de elementos e ações atribuídas ao território. Assim, a partir dos diversos usos do território, os destinos turísticos tendem a sofrer impactos negativos ou positivos, mas que vão além do uso turístico, processo este denominado como turistificação. “As cidades turísticas representam uma nova e extraordinária forma de urbanização, porque elas são organizadas não para a produção, como o foram as cidades industriais, mas para o consumo de bens, serviços e paisagens.” (LUCHIARI, 1998, p.17).

Dentre as formas de turistificação, a estruturação de um destino turístico em meio ao contexto urbano, podemos elencar as revitalizações dos grandes centros e a urbanização dos mesmos através de projetos governamentais e quanto às políticas públicas colocar os investimentos estatais em empreendimentos e diferentes programas de fomento ao turismo a partir da criação de segmentações turísticas. Como propõe o Ministério do Turismo, as segmentações são estratégias de comercialização de roteiros e destinos turísticos. (MTUR, 2010)

Relacionado a essas segmentações turísticas, diante da mudança constante dos desejos e necessidades dos turistas, considerando que o novo turista é um consumidor em busca das vivências de experiências únicas e inesquecíveis, o mercado tende a equacionar a oferta de produtos turísticos diferenciados de acordo com as necessidades específicas de cada grupo de turistas aqui encarados como mercados potencialmente autônomos (Kogan, 2007). Ou seja, para além da oferta de atrativos turísticos com segmentações clássicas o mercado tende a gerar novas segmentações de acordo com demandas específicas para que consiga se estabelecer dentro do mercado.

De tal modo que as diferentes manifestações culturais se tornaram um produto a ser trabalhado como atrativo, em que as estratégias turísticas são definidas a partir da demanda (motivos, percepções e experiências de viagem) e aspectos da oferta (consumo de atrações previamente classificadas como culturais) (Köhler, Durand. 2007). Este segmento, fica estabelecido por turismo cultural, prática a qual envolve a apreciação ou vivência sob manifestações culturais, sendo elas tangíveis ou intangíveis, que permite a entrega de experiências culturais turísticas que também atua como uma ferramenta de reafirmação de pertencimento de determinados grupos sociais. Essa reafirmação de pertencimento de diferentes grupos sociais, ocorre por meio da manifestação da identidade a partir da apropriação de valores sociais e culturais da memória existentes nos territórios, o que define como uma forma de uso do espaço. Logo, os patrimônios culturais dentro da atuação do turismo cultural, são uma das ferramentas cruciais como simbolização das identidades culturais de acordo com as comunidades as quais representam, tendo em vista que os mesmos trabalham na disseminação das memórias em busca do fortalecimento da cultura e servindo como referenciamento dentro do contexto atual através das conexões entre passado e presente.

Partindo deste ponto de análise, buscou-se compreender como as manifestações culturais voltadas a população negra estavam inseridas dentro do Centro Histórico de São Paulo, inquietação decorrente da compreensão dos processos de gentrificação e segregação espacial, obtendo um panorama apropriações de identidades negras por meio da música,

dança e entre outras expressões de patrimônios imateriais em meio a capital paulista, porém deparando com a falta de representatividade negra relacionada aos patrimônios materiais e monumentos.

Neste cenário, o bairro Liberdade, conhecido e comercializado turisticamente como a região da imigração e ocupação japonesa da cidade de São Paulo, localizado num dos distritos da cidade de São Paulo e espaço elencado como objeto de estudo da presente pesquisa, tornou-se uma referência de disputa narrativas a qual ocorre nos territórios.

O bairro atualmente possui ofertas gastronômicas, diferentes ramos de lojas, eventos, comemorações e manifestações voltadas a cultura nipônica, ocupação favorecida pelas políticas migratórias na região com o desembarque no porto de Santos de famílias japonesas e seus fortes deslocamentos em direção a capital a partir de 1908, para ocupação de postos de trabalho nas lavouras cafeeiras. Entretanto, durante o século XVIII e XIX, o bairro abrigava fazendeiros que destinavam as terras à produção agrícola que se direcionaram ao sul, em específico ao Distrito de Santo Amaro, e a população negra pelo baixo custo que a região proporciona, se alojaram em grandes cortiços que vieram a ser derrubados após processos revitalizações.

De modo que, para compreensão das formas de resistências da população negra naquele território pós urbanização e revitalização de características orientais apoiados e financiados pela iniciativa privada e pelo poder público do município, foram necessários mapear os patrimônios existentes acompanhado da análise de documentos que demonstram o processo de construção do bairro, comprovando a existência de memórias voltadas para população negra que ocupou o bairro num determinado período.

Foi realizado uma pesquisa bibliográfica no primeiro capítulo, relacionada a diferentes autores do campo da memória e identidade, do patrimônio e do turismo cultural, elucidando a importância da memória na construção das identidades sociais, favorecendo o entendimento sobre como reverberam-se sob as estruturas da sociedade facilitando a compreensão das definições de Patrimônio Histórico Cultural e também sobre seu caráter preservacionista de anseios sociais, acompanhado do levantamento de documentos que tratassem da historicidade do Bairro Liberdade. Já no segundo capítulo, a pesquisa marca a historicidade da região e trazendo um relato do acompanhamento de uma das atuações turísticas que ocorrem na região analisada, que abarcou um outro lado da história do território, demonstrando as interfaces do turismo cultural, explicitando as diferenças de um turismo que traz reivindicações de reintegrações socioculturais cooperando para a democratização das memórias da população negra, de um turismo comercial que propaga invisibilidade à memórias contra hegemônicas.

Por fim, adentrando as considerações finais, busco responder os objetivos da pesquisa a partir da análise dos materiais captados, apontando as limitações encontradas em meio ao desenvolvimento da pesquisa.

2. CAPÍTULO I: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL: DEBATE TEÓRICOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar a importância da memória na construção das identidades sociais favorecendo o entendimento sobre as definições de Patrimônio Histórico Cultural e também sobre seu caráter preservacionista de anseios sociais.

2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE

De acordo com o pensamento do cientista social francês Maurice Halbwachs, um dos pioneiros do campo de estudos sobre a memória, a memória fica categorizada enquanto memória individual e memória coletiva, sendo possível considerar que as memórias individuais estão interligadas às memórias coletivas, sendo elas interpretações do território e tempo o qual o indivíduo está inserido, onde características e fatos sociais vão sendo compartilhados e assimilados.

cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que ali mantenho com outros ambientes. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social” (HALBWACHS, 2003)

De acordo com o autor, apesar da concepção sobre memória ser assimilada a particularidades dos indivíduos, de acordo com a inserção do mesmo na sociedade e suas interações com a mesma, as experiências isoladas dos indivíduos se ligam a uma esfera de valores do grupo social o qual está inserido e conseqüentemente compartilham uma gama de valores culturais, visto que, a memória coletiva se dá a partir dos espaços materiais, ou seja, se dá pela forma em que os sujeitos interagem entre si através das organizações sociais como ambientes escolares, profissionais, religiosos e entre outros, podendo ela sofrer transformações.

Desta forma, o conceito de memória coletiva estabelece caminhos de compreensão sobre como ela se torna um mecanismo que possibilita os indivíduos e grupos sociais, estabelecerem o sentimento e/ou noção de pertencimento, atribuindo significados e ressignificando fatos e acontecimentos de contextos passados, ou seja, a memória é construída socialmente em uma operação ideológica que estrutura as relações sociais e seus produtos

materiais o que possibilita a construção de legitimações, onde os interesses individuais são apresentados como servindo interesses coletivos. Le Goff (1990), reforça que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades.

Arjun Appadurai(1981 apud Machado) em seu artigo "The past as ascarce resource", demonstra que o passado deve ser pensado como fonte para a construção, no presente, de uma memória que ancore identidades e, principalmente, como um instrumento de poder, tendo em vista que o passado podendo ser apropriado pela memória de grupos divergentes, atribuí múltiplos significados que se dão dentro de uma relação de conflitiva, ou seja, estabelece uma disputa pela postulação desses significados em cima dos acontecimentos históricos em função da construção dessas identidades a partir das memórias do grupos sociais.

Segundo o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, a identidade dos sujeitos dialogam com as diferenças históricas, sociais e culturais as quais os indivíduos foram submetidos, sendo assim, dividida pelo mesmo em três concepções: iluminista, sociológica e pós-moderna.

Segundo Hall, a concepção de identidade do sujeito iluminista estava baseada em um indivíduo totalmente centrado e unificado, já o sujeito sociológico entende que o núcleo interior do sujeito moderno não era auto suficiente, mas formado a partir da relação entre pessoas na sociedade. Assim, mediante a relação desse sujeito com a sociedade, sua identidade interage com símbolos, valores e práticas, que formam a cultura. Deste modo, o sujeito ainda tem o seu “eu real” dentro de si, contudo este “eu” acaba sendo formado e modificado com o diálogo contínuo com os “mundos culturais exteriores” e as outras identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006). Por fim, o sujeito pós-moderno apresenta um indivíduo sem identidade permanente, ou seja, sua identidade é formada e transformada continuamente em relação aos diálogos de diversidade cultural que nos rodeiam.

Dentro desse contexto pós-moderno, interpreta-se que essas identidades do sujeito não são biologicamente determinadas, mas sim formadas ao longo do tempo, estando atrelado ao processo de globalização, caracterizado pela troca de informações em alta velocidade de forma instantânea com diferentes culturas, decorrente da expansão dos meios comunicacionais possibilitando as velhas identidades estarem em declínio, mesmo que por um determinado tempo tenham estabilizado, possibilitando novas formação de identidades e principalmente fragmentando o indivíduo moderno, uma vez que mesmo encontrava-se na posição de um sujeito unificado a partir da transmissão de discursos e símbolos os quais

passavam a ideia de uma única cultura nacional, denominando-se assim um período marcado pela chamada “crise da identidade” (HALL, 2006), com a emergência de intersecções de raça, classe e gênero.

A partir disto, compreende-se que o processo de globalização inibiu a construção de identidades nacionais as quais possuíam o intuito de subordinar outras formas de diferença estabelecendo uma relação de poder sob outras formas identitárias, ou seja, esse processo cooperou para a desintegração das identidades nacionais as quais simbolizavam uma cultura unificada colaborando para a emergência das identidades híbridas pelas influências políticas, musicais, cinematográficas, ideológicas e entre outros itens. Os sujeitos são resultados do meio cultural o qual foram socializados, uma vez que as identidades são um fator a ser afirmado e estipulado através de territórios e bens sociais, elucidando que o processo de construção de diferenças está submetido a relações de poder. (SILVA, 2012)

Essa relação conflituosa explícita nos processos reconhecimento de traços culturais marcantes da identidade, fica demonstrada a partir dos encontros e desencontros de determinados sujeitos relacionado a representações patrimoniais sob os territórios. Como demonstra Pierre Nora, os lugares de memória, com as formas de preservação e esquecimento do passado, denotando a falta de pertencimento de alguns grupos e as formas de representações de outros, considerando que esses lugares de memórias são representações determinantes sobre o que diferentes sociedades consideram elementos importantes de se lembrar e esquecer-se de acordo com sua cultura de origem. Bem como assegura Rodrigues (2012, p. 4) sobre o caracter do patrimônio cultural:

É o conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo. O património faz recordar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória social. [...]É o conjunto de símbolos sacralizados, no sentido religioso e ideológico, que um grupo, normalmente a elite, política, científica, económica e religiosa, decide preservar como patrimóniocoletivo.

As discussões sob as definições de patrimônio culturais se constroem dentro de um cenário complexo, tendo em vista o envolvimento de diferentes fatores e atores neste processo de patrimonialização. Logo, pensando o mesmo enquanto ferramenta de preservação de manutenção de memórias e identidades de diferentes grupos sociais é importante definir quem define quais o que/quem definirá a sua preservação, principalmente, pensando para quem esta preservação será direcionada.

2.3 O PATRIMÔNIO CULTURAL

No Brasil, decorrente das concepções de arte, história, tradições e nação por parte de intelectuais vinculados à Semana da Arte Moderna de 1922, se deu a criação de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sendo a primeira denominação do Órgão Federal de Proteção ao Patrimônio Cultural Brasileiro, hoje conhecido como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Considerando o caráter do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em preservar e promover os bens culturais brasileiros para usufruto de gerações presentes e futuras, no período de sua fundação é possível estabelecer um vínculo entre os bens tombados, o que possuíam um caráter arquitetônico de aspectos coloniais e militares, denominados como bens de pedra e cal, com os interesses políticos vigentes na época de sua criação, os quais buscavam a constituição de uma identidade nacional sob a ideia de uma nação brasileira unificada, o que segundo Pierre Nora, uma das definições sobre os lugares de memórias se enquadram perfeitamente dentro do panorama brasileiro, “havia antes uma história nacional e memórias particulares; hoje há uma memória nacional, cuja unidade é feita de uma reivindicação patrimonial dividida, em permanente multiplicação e busca de coesão”. (NORA, 2008: 193)

No entanto, no correr do século XX no Brasil, ocorreu uma expansão do que entende-se por patrimônio em prol das demandas representativas, abarcando os bens não somente de natureza tangível como também intangível, reformulando o conceito de patrimônio e atendendo as demandas por reconhecimento dos diferentes grupos sociais os quais compõem a sociedade brasileira, conforme pontuado no artigo 216 da Constituição Federal de 1988, “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.”(BRASIL,1988).

Assim, examinando as potencialidades dos Patrimônios Históricos Culturais em reproduzir memórias de caráter hegemônico através da preservação desses bens e só após demandas específicas estabelecer meios de salvaguardar outros bens que remetem a diversidade cultural o qual compõe a sociedade brasileira. Importante evidenciar as disputas em meio à esses territórios de memória, tendo em vista as desigualdades estruturais as quais abarcam diversos grupos sociais em âmbitos culturais, políticos e econômicos, compreendendo que o território ocupado pelo Patrimônio Histórico Cultural possibilita a reafirmação das identidades culturais de comunidades que perpassam pelas tentativas de

homogeneização, como pontua Chimamanda Ngozi Adichie “histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida”.
(ADICHIE, 2009)

2.4 TURISMO CULTURAL

As motivações culturais sob as viagens têm suas raízes no final do século XVII e início do XVIII e XIX com o “Grand Tour”, sendo uma viagem de formação profissional a de filhos de aristocratas¹, que tinha como objetivo o desenvolvimento de habilidades de governança para o investimento em tarefas de cargos de liderança e governança a partir do conhecimento de realidades econômicas, políticas e socioculturais pertinentes a outros povos.

Com a globalização², houve a aproximação das relações interpessoais, através dos acessos à transportes, tecnologias, meios de comunicação, a partir da produção e disseminação de informação, por conseguinte do conhecimento, rompendo limites geográficos, acontecimentos os quais interferiram e continuam interferindo seja direta ou indiretamente nas relações culturais e de identidade, tornando a sociedade multicultural, pluricultural e constantemente diversificando sua dinâmica social, como nos contextualiza o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2002):

um conjunto de relações sociais que se traduzem na intensificação das interações transnacionais, sendo o processo de globalização um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo

juntamente a organização social do trabalho com redução das horas de trabalho e o desenvolvimento dos meios de transporte em meados do século XIX, o turismo passou a atingir a classe trabalhadora, com uma democratização do acesso às viagens proporcionada por Thomas Cook através do aperfeiçoamento das viagens com o oferecimento de pacotes turísticos padronizados com acomodações, transporte e atividades de lazer nos destinos turísticos.

Logo, atualmente as viagens sob motivações culturais compõem um dos segmentos mais influentes do turismo, o turismo cultural, porém suas definições se dão dentro de um cenário complexo, tendo em vista as implicações sobre o que se define por cultura, Richards (1996) procurou desenvolver um conceito de turismo cultural, baseando a sua visão em dois enfoques dominantes na definição da cultura: a) A cultura como processo: deriva da antropologia e da sociologia, onde a cultura se configura como uma série de códigos de conduta característicos de um grupo social específico, seja uma nação, tribo ou corporação;

¹ As viagens conhecidas atualmente como culturais, era prática comum entre famílias ricas, que mandavam seus filhos viajar para países estrangeiros ainda jovens, para aprender uma ou duas línguas, edificar-se e distrair-se (SALGUEIRO, 2002)

² Segundo Milton Santos, geógrafo brasileiro, a globalização fica caracterizada por processo de internacionalização do mundo capitalista, funcionalizada a partir do espaço geográfico.

b) A cultura como produto: provém essencialmente da crítica literária, onde a cultura é considerada como o resultado de uma actividade individual ou grupal com certos significados.

Richards (1996) diz ser conveniente utilizar ambas as perspectivas de investigação, uma vez que os dois enfoques possibilitam aproximações complementares. “O enfoque baseado na cultura como produto permite a medição do fenómeno a partir do consumo efectivo de uma série de produtos culturais (museus, monumentos, etc.). De forma complementar, o recurso ao conceito de cultura como processo é inevitável se pretende analisar o turismo cultural como atividade (Vaquero, 2006: 89). Richards (1996; 2009) propõe uma definição de turismo cultural que se baseia no modo como os turistas consomem a cultura. Ou seja, o autor enfatiza que se a cultura se compõe de processos (as ideias e o modo de vida das pessoas) e dos produtos desses processos (edifícios, artefactos, arte, tradições, ambiente), então o turismo cultural não implica somente a visita a lugares e monumentos, mas também o consumo do modo de vida (costumes e tradições) dos lugares visitados. Já o Ministério do Turismo, a partir da cartilha elaborada em 2010 sobre orientações básicas para desenvolvimento do turismo cultural, definiu que “o turismo cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

Assim, compreendendo os usos da cultura enquanto meio de consumo turístico, é possível compreender que o turismo instrumentaliza a cultura como um recurso que posteriormente se converte num produto mercantil, um produto turístico, conceito definido por Tabares (1998) como “infra-estruturas, atrativos e viabilidade de acesso”, ou seja, tudo aquilo que é oferecido ao turista em função de sua procura por determinados produtos e serviços para a satisfação de suas necessidades e desejos, aspectos esses denominados como oferta e demanda.

Ademais, a mercantilização da cultura pelo turismo pode ter impactos positivos ou negativos, dentre os impactos positivos proporcionados pela a atividade turística cultural. Ponderando colocá-la enquanto uma ferramenta de valorização de identidades culturais, tendo em vista que em um mundo globalizado as diferentes sociedades recorrem aos meios de afirmação de suas particularidades às quais se encontram representadas em patrimônios tangíveis e intangíveis. A busca do homem por conhecimentos sobre diferenças culturais de outros grupos sociais e também o desenvolvimento econômico e sustentável das regiões, desde que aplicados de acordo com um planejamento turístico integrativo das autoridades locais com a comunidade receptora. Logo, sobre os impactos negativos, podemos

colocar o turismo como uma atividade que reestrutura a sociedade de acolhimento, tentando homogeneizá-la e urbanizando-a enquanto atividade estimuladora de desenvolvimento econômico e exclusão social, servindo de instrumento de confirmação das relações de poderes existentes dentro do território aplicado, ou enquanto ferramenta afirmativa de identidades sociais através da memória de determinados grupos sociais, podendo também questionar como estas foram impostas e contribuir para a sua mudança, criando novos padrões de valores e de reconhecimento dentro do grupo.

Assim, almejando refletir sobre os usos turísticos do território com o “uso cultural da cultura”, Meneses pressupõe que “a interpretação histórica contribui com uma nova perspectiva para o turismo cultural, na medida em que amplia as possibilidades de objetos de interpretação e das formas de interpretar as culturas passadas” (Pág.48, 2006), ou seja, a interpretação do passado através da atividade turística permite problematizar questões sociais pertencentes a realidade social do território, tendo em vista que a interpretação histórica está baseada em presenças e ausências. Porém, conforme Pierre Bourdieu (1974) argumenta “ a acumulação de capital cultural, na forma de informações e repertórios capazes de decodificar o significado da produção artística em diversas áreas culturais, é o resultado entrelaçado de elementos como formação educacional, origem familiar e consumo de experiências e objetos culturais”, o que possibilita pensarmos os tipos de visitantes com os quais se trabalham dentro de uma experiência turística cultural, os turistas culturais gerais que visitam atrações culturais dentro de uma experiência de viagem, mas essas atrações não são importantes na escolha do destino turístico e os turistas culturais específicos que viajam para conhecer atrações culturais, sendo essas atrações importantes na escolha do destino turístico, quer isto dizer que a atividade pode consistir tanto numa forma de reafirmação de pertencimento a determinados grupos sociais quanto a experiência da visita ao objeto de consumo cultural pode não impactar seus respectivos visitantes ocasionais mas também não podendo apenas reduzir-se a uma questão de preferências e motivações pessoais.

3. CAPÍTULO II: TURISMO CULTURAL E SUAS INTERFACES NO BAIRRO LIBERDADE

As conceitualizações apresentadas anteriormente sobre memória, identidade e patrimônio cultural ajudam a compreender como o segmento do turismo cultural, atividade que possui como principal atrativo turístico a cultura, contribuindo para valorização e conseqüentemente a preservação da mesma. Então, neste capítulo pretende-se expor as interfaces do turismo cultural, abordando as atuações do setor público e privado e também de grupos independentes sob o principal objeto de estudo, o Bairro Liberdade.

3.2 BAIRRO LIBERDADE, SÃO PAULO -BREVE HISTORICIDADE

Para compreender o processo de turistificação na Liberdade, bairro pertencente a um dos distritos os quais compõem o Centro Histórico de São Paulo, se faz necessário pontuar os eventos que marcaram a história da região para que seja possível analisar os atuais efeitos sociais causados pela forma de sua estruturação dentro do campo turístico. Com isso, a partir de uma ação do Arquivo Histórico Municipal juntamente ao Departamento da Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo, com a seleção de publicação de monografias sobre os bairros do município de São Paulo, viabilizando o acesso sobre a historicidade dessas regiões, é possível obter um panorama sobre o processo de formação do bairro da Liberdade, o principal objeto de análise deste estudo.

O Centro Histórico de São Paulo, fundado em 1554, localizado na zona central do município, é composto pelos distritos da República, Sé, Santa Cecília, Liberdade e Consolação. De acordo com Laís Guimarães, até meados fins do século XIX, especificamente em 1883, a região central da vila de São Paulo era dividida por “distrito norte” e “distrito sul”, demarcadas da seguinte maneira:

Desde a ponte do Piques, intitulada 7 de Abril, pela Ladeira do Dr. Falcao. que vem dar na Rua Direita até o Largo da Sé e daí pela antiga entre Rua da Fundação até o beco que separa a casa da Marquesa de Santos e do falecido Dr. Moura, servindo a dita ladeira e as mencionadas ruas de divisa dos referidos distritos, de maneira que as casas do lado superior dessas ruas e ladeiras pertençam ao Distrito Sul e as do inferior ao do Norte".(GUIMARÃES, page.21)

inicialmente as vias da vila tinham como seu centro vital, o Pateo do Collegio³ o qual dele partiam as principais vias de interconexões, a qual destacamos aqui o “Caminho do Mar”, que com o desenvolvimento do espaço geográfico do município acabou por ter seu nome substituído pelo “Caminho do Carro” mais conhecido por “Estrada de Santo Amaro”. Conforme a autora pontua, “esse caminho teve singular importância no desenvolvimento da região sul de São Paulo, tanto que nos séculos XVI, XVII e XVIII, no seu trajeto ou nas suas cercanias levantaram-se importantes edificações” (GUIMARÃES, pag. 18), edificações essas de aspectos coloniais e que devido a sua extensão geográfica rural, favoreceram a fixação de grandes chácaras dos fazendeiros oitocentistas. Dentre as quais estão, chácara da tabatinguera, chacará da D^a Alexandrina de Moraes, chácara do Sertório, chácara de Caetano Ferreira Balthar, Quita de Francisco Machado, Streib, chácara do quebra-bunda, Fagundes, chácara de dona Ana, Moreira, Barão de Limeira e dá Glória.

De acordo com a autora, a estruturação do bairro da Liberdade se deu em função das chácaras existentes na região do Distrito Sul da Sé. Logo, com o intuito de compreender onde a população negra estava inserida naquele espaço perante ao sistema escravagista, cabe destacar as edificações que evidenciam a presença dos mesmos diante o território, dando importância para os resquícios das memórias existentes. Nas palavras da autora, “as famílias mais abastadas viviam confinadas nas suas chácaras distantes ou em seus sobrados, deixando as estreitas ruas, as ladeiras íngremes, os becos e as pátios para as classes mais humildes, para os tipos populares, escravos, quitadeiras e tropeiros.” (GUIMARÃES, pág.19).

Em primeiro lugar, consideremos a chácara quebra-bunda, que compunha uma vasta região da liberdade, a qual teve seu nome atribuído, justamente por negros escravizados serem violentados ao ponto de ficarem descadeirados. Sendo considerada um prolongamento do pelourinho, lugar onde ocorria o suplício de escravizados, uma das formas de repressão em meio ao período colonial no Brasil, conhecido atualmente como Largo Sete de Setembro.

Em caráter semelhante, podemos citar a região do Largo da Forca, local de maior grau de punição e disciplinamento de escravizados criado no Brasil Império em função do surgimento de uma insegurança social por parte de fazendeiros e senhores, atualmente com seu nome substituído por Praça Liberdade- Japão, com espaço cedido para a construção da estação de metrô.

Pensando nesses espaços de torturas e enforcamentos que levavam a morte desses indivíduos escravizados, a região também vinha acompanhada de um local onde ocorriam os

³ Estrutura de pau a pique, fundada por Manuel Nóbrega em 1533 em função da catequização de crianças indígenas a partir das missões jesuíticas

sepultamentos desses corpos, o Cemitério dos Aflitos. O Cemitério dos Aflitos é considerado o primeiro cemitério público de São Paulo, instaurado em 1775, vindo a ser desativado em 1858 em função da construção do cemitério da consolação, principal necrópole da capital paulista, um dos fatores que levaram ao loteamento de seu terreno a imobiliárias na região. Juntamente a este espaço de memória, temos à Capela dos Aflitos, capelinha com estrutura original de taipa de pilão inaugurada em 1779, tombada em 1978 pelo Conselho de Defesa do patrimônio Histórico, Arquitetônico e Artístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT).



Fonte: Graeser (1939)

Entretanto, retalhando esses espaços de memórias de sofrimento relacionadas à população negra na região da Liberdade, também conseguimos remontar um passado de resistências em meio a essas memórias. Na região havia uma forte movimentação de abolicionistas, como Antônio Bento de Souza e Castro, promotor público e juiz abolicionista brasileiro, acompanhado de Luiz Gama e enquanto morador da região na chácara do Capão, onde atualmente estrutura-se o bairro Bela Vista e parte da Avenida Paulista, que para além de viabilizar fugas em massa desses indivíduos escravizados fugidos de fazendas, também acolhia os mesmos na região. Importante também frisar que em cena tínhamos igrejas que se

opunham as formas de repressão aos negros naquele período, e dentre essas entidades destacamos a Igreja dos Remédios e São Gonçalo, ambas demolidas no século XIX.

Outrossim, pensando nesse processo de formação do bairro, não podemos deixar de mencionar a abolição da escravatura e instauração da república como fatores que incentivaram a chegada dos imigrantes na região com as políticas de viabilização da substituição da mão-de-obra escravizada pela estrangeira e também como um dos fatores que alavancaram a urbanização do espaço e cooperaram para o retalhamento da maior chácara existente na região citada anteriormente, em meio ao período colonial.

Atualmente, o bairro liberdade é fortemente marcado pela cultura nipônica, mas a chegada dos japoneses é demarcada em fins do século XIX e meados do XX, com São Paulo recebendo a maior parte desses imigrantes, considerando que no Brasil ocorriam mudanças em seu contexto social, político e econômico. Pensando na política, o fim da monarquia e o estabelecimento da República, o setor da economia sofreu uma dinamização com a abolição do regime escravista em 1888, colocando em pauta a substituição da mão de obra escrava negra, pelo trabalho assalariado, mas através da estruturação de políticas de imigração para europeus e asiáticos ocuparem esses cargos, através da necessidade de exportação do café e a cooperação por parte do governo japonês, tendo em vista que o país sofria uma densidade demográfica e um crise econômica, desenrolando a chegada maciça dos japoneses em 1908 no porto de Santos através do o ‘Tratado de Amizade, Comércio e Navegação. Ou seja, “A abolição do trabalho escravo atuou, por outro lado, como um fator de estímulo à imigração estrangeira, na medida em que projetou em países europeus imagem menos negativa das condições de trabalho no Brasil.” (PAIVA, pág.14)

De acordo com Negawa, pensando no processo de construção oriental e fixação dos japoneses no bairro da liberdade, entre 1908 e 1942, houveram as chegadas e instalação dos japoneses na rua Conde de Sardezas; já entre 1914 e 1942 houve uma diminuição da concentração em decorrência da ordem de evacuação em 1942 por conta da guerra; já em 1953 à 1975, houve a expansão do bairro após a segunda guerra, com a construção do prédio Niterói e início da expansão chinesa e coreana pelo distrito; e logo após já se tem consolidado a região enquanto Bairro Oriental por outras áreas do bairro conjuntamente com o fenômeno dos dekasseguis na década de 80 (NEGAWA, p. 5). Logo, quanto a remodelação oriental do bairro da Liberdade, primeiramente se deu em função dos baixos custos que a região proporciona, facilitando o estabelecimento das famílias e secundamente a instalação do comércio asiático com produtos os quais não eram comercializados no Brasil; com isso em 1969 anuncia-se o plano de orientalização do bairro da liberdade. Porém, conforme citado

anteriormente, em 1889, o bairro se encontrava urbanizado em algumas partes em função das vias as quais serviam de passagem para o centro e para santos, mas possuía alguns, terrenos vazios e povoados por cortiços, e com o desmembramento das chácaras da região, a urbanização ganhou mais força na região.

Em virtude dos fatores mencionados anteriormente, projetos de revitalização do espaço foram tomando proporção na região da liberdade, em 1969, primeiramente anunciado pelo Randolpho Marques de Lobato, com o intuito de estabelecer um produto turístico etnicamente oriental. Assim, essa primeira revitalização partiu da colocação de itens que remetesse a cultura nipônica, como os denominados *tiotins*, uma espécie de luminária oriental, a substituição da calçadas por caminhos de azulejos e entre outras iniciativas por parte da prefeitura juntamente com a secretaria de turismo que realiza a gestão no período da primeira revitalização do espaço. Com isso, os estabelecimentos que existiam foram condicionados a reformarem as fachadas dos estabelecimentos que haviam implementado na região da liberdade, porém custeados pela iniciativa da prefeitura. Ressaltando que a região já contava com 53 lojas de artigos variados; 38 de confecção; 48 casas noturnas; 3 cinemas e 63 restaurantes. Já quanto à segunda revitalização, partiu de uma parceria entre o Instituto Paulo Kobayashi e empresas interessadas e com o apoio da Associação Cultural e Assistencial da Liberdade, no ano de comemoração dos 100 anos da imigração japonesa no Brasil, em 2008, com a revitalização de todo o espaço da liberdade. E por fim, a mais recente, ocorrida em 2018, financiada pelo empresário Hirofumi Ikesaki, fundador da rede de lojas de cosméticos Ikesaki e presidente da Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (ACAL), principal associação responsável pelos principais eventos realizados na Liberdade, além de participar de projetos de limpeza das ruas, conservação dos itens urbanos que fazem parte da região e principal promotor do comércio local. Marcando 110 anos da imigração japonesa, Ikesaki solicitou a mudança do nome da Praça da Liberdade para Praça Liberdade-Japão, projeto acatado pela prefeitura, seguindo com o primeiro plano de orientalização do espaço da liberdade.

Evidencia-se que apesar dos resquícios das memórias da população negra abrangerem o espaço de análise deste capítulo, a expansão do neoliberalismo urbano foi eficaz, devido aos apagamentos proporcionados, através de políticas públicas de gentrificação⁴ e higienização, à imagem e história da população negra que ali residiu num determinado período. Ou seja,

⁴ Conforme pontua Marina (2014), a gentrificação abriu, e abre espaço para usos mais lucrativos para a economia neoliberal por exemplo, serviços e comércios de ponta e desenvolvimentos imobiliários para atração de grupos de renda média- -alta.

demonstra que a ideia de instrumentalização da cultura nos espaços, seria uma forma de ressignificação do espaço urbano, demonstrando com o ideal desenvolvimento sempre esteve atrelada a interesses políticos e econômicos, resultando em uma produção desigual do espaço com a sobreposição de um grupo sobre o outro.

3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir da inquietação sobre o processo de formação do Centro Histórico de São Paulo, houveram os questionamentos sobre quais lugares eram ocupados pela população negra antes do processo de segregação socioespacial. Logo, em função desses questionamentos, o estudo buscou por meio da pesquisa de caracter qualitativo exploratório e quanto probelmática da pesquisa, estabelecer quais as formas de resistência relacionadas à população negra, existentes no Centro Histórico de São Paulo, eram trabalhadas no campo turístico.

com o propósito de estudar a experiência vivida das pessoas e ambientes sociais complexos, segundo a perspectiva dos próprios atores sociais” com a “... finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses a serem testadas em estudos posteriores.(DESLANDES, 2012)

Logo, com o apoio de um levantamento documental e a revisão bibliográfica das Monografias sobre a história dos bairros de São Paulo, dispostas em formato online, no Arquivo Histórico Municipal do Departamento da Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo, foi possível estabelecer um recorte espacial do bairro Liberdade para tal reflexão, a partir do seu processo de tranformações, com a urbanização e revitalização em função da turistificação do espaço.

Como os produtos dos roteiros de turismo cultural, caracterizam-se pelas expressões materiais e imateriais da cultura de diferentes grupos sociais, para a compreensão sobre sua importância e enquanto ferramentas importantes de tal prática, foi necessário a realização de uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de memória e identidade e sobre como reverberam-se sob os patrimônios histórico culturais dialogando com a sociedade. Essas referências bibliográficas foram classificadas nas seguintes categorias: a) Artigo de periódico (campo de patrimônio, memória, identidade); b) Artigo de periódico (outros); c) Livro; d) Capítulo de livro; e) Monografia (mestrado/doutorado); f) Comunicação – art. completo anais evento; e g) Outros, a partir de um levantamento bibliográfico de citações sobre memória, identidade e patrimônio histórico cultural e suas discussões, coletados na plataforma do Google Acadêmico, tendo em vista que a utilização do Google Acadêmico tem sido defendida por muitos autores

atuantes no campo de turismo, em virtude de muitas de suas revistas não fazerem parte de índices de impacto (Jamal et al., 2008; McKercher, 2008; Hall, 2011; Strandberg et al., 2018; Law & Veen, 2008; Koseoglu et al., apud. André Fontan Köhler 1, Luciano Antonio Digiampietr, 2016). A ferramenta lista todas as citações recebidas pelo trabalho em análise, proporcionando uma análise mais rica do que aquela possível por vários índices de impacto, os quais listam, apenas, as citações feitas por artigos de periódicos, compreendendo que o embasamento teórico se faz importante, pois conforme Deslandes (2012) afirma, “o estabelecimento de um diálogo entre a teoria de outros estudiosos ao objeto do estudo é absolutamente necessário, objetivando delimitar a proposta da pesquisa.”.

Com o intuito de compreender as formas de resistência da população negra no bairro Liberdade, em meio às tentativas de apagamentos em função de disputas de narrativas sob os espaços, quanto às técnicas e instrumentos para coleta dos dados, os métodos empregados foram, as pesquisas documental para compreensão sobre o que se pretendia analisar na região. E a observação participante moderada das atividades turísticas desenvolvidas sob os patrimônios existentes e as atividades comerciais e culturais que remetem à cultura nipônica, na região da Liberdade, consistindo num “processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”. (SOUZA, MINAYO. 2007)

Para o acompanhamento das atividades turísticas desenvolvidas na região de análise, foi realizada uma pesquisa sobre quais grupos, agências e instituições trabalhavam com roteiros voltadas a histórias e memórias relacionados a população negra na capital paulista em diferentes plataformas on-line como sites de buscas, redes sociais. Em meio a busca, foram encontradas diferentes agentes que trabalhavam turisticamente com este conceitos em destinos nacionais e internacionais, porém pensando sobre a região a qual pretendia-se analisar, a qual mais se aplicou foi o roteiro denominado Caminhada São Paulo Negra, disponibilizado pela agência independente “Guia Negro” a qual disponibiliza através do instagram, os roteiros turísticos culturais em diferentes regiões do Brasil voltados a histórias e trajetórias da população negra.

A partir disto, acompanhando publicações da agência em sua rede social, com a divulgação da data da realização do roteiro “Caminhada São Paulo Negra”, foi realizado a inscrição mediante o pagamento da taxa do ingresso o qual confirmava a presença do turista interessado. Como tratava-se de um retorno de atividades da agência em função de um período pós-pandêmico, houve a disponibilização de orientações de forma de prevenção do Covid-19, com a utilização de máscaras e álcool em gel e a realização do distanciamento

social, para que a atividade ocorresse da melhor forma possível.

Feita a marcação da data de acompanhamento da atividade turística, na data de sua realização foram solicitadas as permissões para gravação das falas dos guias da atividade e fotografia dos mesmos, comentando sobre a realização e objetivos da pesquisa. Feito isso, com o auxílio de gravador de voz foram frvdas as falas dos guias sobre todos os pontos do roteiro turíticos, o que facilitou posteriormente a reescrita de suas falas para análise. A câmera para a captação de imagem, apresentando a caracterização do lugar, as arquiteturas e como estavam e detalhes relacionados ao o que pretendeu-se analisar na pesquisa. Já como Meneses propõe, a análise de fontes visuais seria como uma forma de extrair informações sobre o passado:

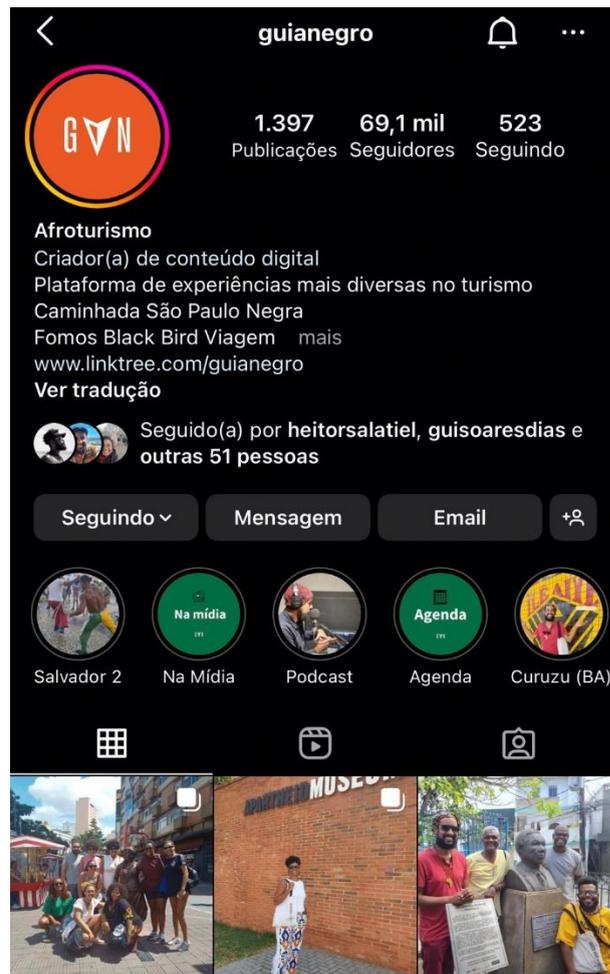
Vivemos a imagem em nosso cotidiano, em várias dimensões, usos e funções. O emprego de imagens como fonte de informação é apenas um dentre tantos (inclusive simultaneamente a outros) e não altera a natureza da coisa, mas se realiza efetivamente em situações culturais específicas, entre várias outras.(MENESES, 2003)

Por fim, para alcance dos obetivos da pesquisa, foram necessários a junção da analise da pesquisa bibliográfica, documental e observacional para entendimento do processo de turistificação do bairro Liberdade, com enfase no entendimento sobre na atuação turistica voltada as memórias e identidades voltadas à população negra na região.

3.4 ENTRE RESISTÊNCIAS E APAGAMENTOS: ANÁLISE DAS ATUAÇÕES TURÍSTICAS NO BAIRRO LIBERDADE

Esta seção corresponde aos dados adquiridos na pesquisa de campo realizada no dia vinte e quatro de outubro de dois mil e vinte e um. A análise foi possível através da atuação do grupo independente, Guia Negro, o qual disponibiliza diferentes experiências turísticas voltadas a apresentação de histórias, memórias e empreendimentos que remetam a população negra em diferentes locais do Brasil. Porém, para a obtenção dos resultados pretendidos na pesquisa, a atividade escolhida foi a “Caminhada São Paulo Negra”, justamente pela atuação no espaço de análise da pesquisa. As atividades do grupo são desenvolvidas desde maio de 2018, sendo ofertadas inicialmente pela plataforma Blackbird Viagem, uma empresa que trabalha com um turismo voltado a questões de representatividade em parceria com a Diáspora Black, mas que atualmente são ofertadas diariamente pelo link disponibilizado na biografia do Instagram. O roteiro obteve um valor a ser pago de sessenta reais e ocorre mensalmente no centro da cidade de São Paulo com uma duração média de três horas e meia de caminhada, com um percurso de 3 km, levando os turistas a conhecerem lugares que remetem a história e cultura da população negra na cidade de São Paulo com o acompanhamento de três guias turísticos os quais mediam as falas sobre os pontos estabelecidos no roteiro, Guilherme Soares, Débora Pinheiro e Heitor Salatiel.

Figura 1- Conta dos roteiros turísticos da agência Guia Negro na plataforma do Instagram.

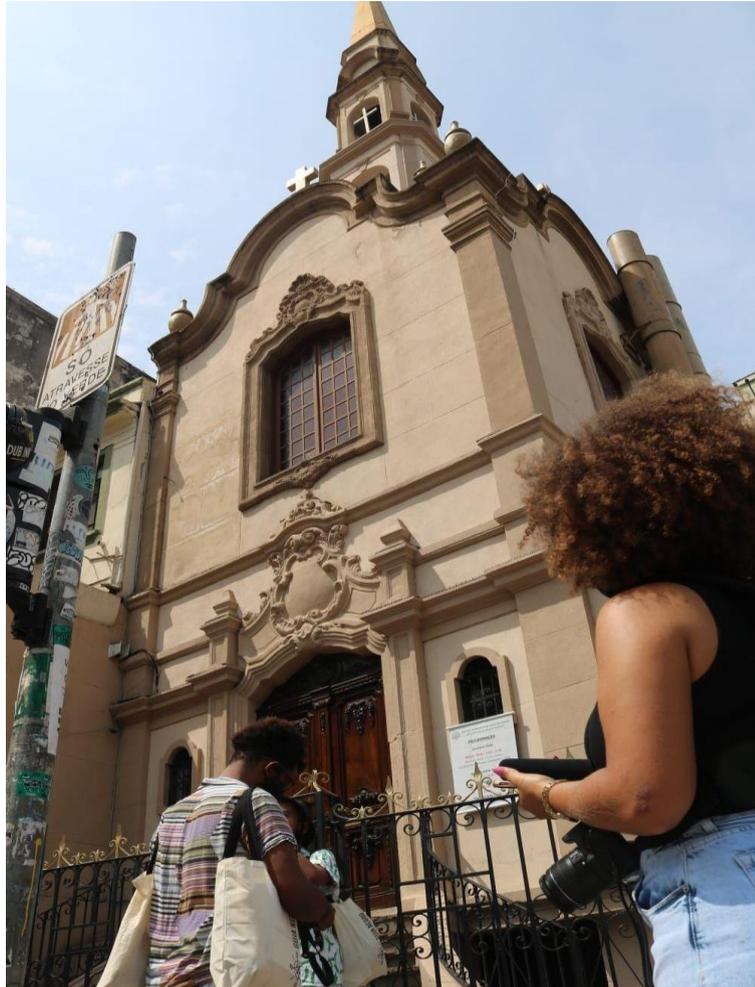


Fonte: Print do Instagram.

3.5 CAMINHADA SÃO PAULO NEGRA

Conforme pontuado anteriormente, o bairro Liberdade se localiza na região sul do centro da cidade de São Paulo. O ponto de encontro inicial do roteiro, fica estabelecido na Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados, localizada na Praça da Liberdade e posteriormente o Walking Tour passa pela Capela dos Aflitos, o Largo da forca, Estátua do Tebas e Estátua Zumbi dos Palmares, o Largo do São Francisco, o Centro Cultural Ouvidor, Ladeira da memória, a Rua 7 de Abril, a Galeria do Reggae e terminando no Largo Paissandu, localizado na região da República, o que totalizam doze pontos turísticos apresentados pelo grupo. O acesso ao ponto de partida pôde ser efetuado pela linha azul na estação Japão Liberdade, quanto pela avenida liberdade ou rua dos estudantes.

Figura 2- Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao chegar ao local, a previsão de início da caminhada era às dez horas da manhã, como havia chegado antes do horário previsto, me dispus a conversar com uma das guias sobre o acompanhamento e solicitei a permissão de gravação das falas e fotografia do trajeto apresentado dentro da região da liberdade, tendo em vista que o roteiro perpassa outras regiões além da Liberdade, onde a ação foi consentida pela mesma e os outros integrantes do grupo. Logo após, como ainda havia tempo, me direcionei a rua principal da região e caminhei observando o movimento e os comércios existentes na região. Ao caminhar pela rua e avenida principal, conseguimos experienciar o bairro de diferentes maneiras, sendo de primeiro momento a caracterização da via o que mais chama atenção ao adentrar o espaço. A rua Galvão Bueno segue acompanhada de Toris e luminárias tipicamente orientais, denominadas por suzurantos, para além conseguimos observar que a maioria das fachadas são escritas em mandarim e na praça seriam onde se concentram as feiras as quais são vendidos outros produtos tipicamente orientais.

Figura 3-Rua Galvão Bueno.



Fonte: Acervo Pessoal.

Ao contar no relógio o horário de início da caminhada retomamos para o ponto de encontro. Ao nos encontrarmos com o grupo percebemos uma maior concentração de pessoas e em uma primeira análise percebemos que a quantidade de pessoas era de cerca de 30 pessoas, em sua maioria pessoas brancas. Logo, o guia turístico Guilherme Soares se apresenta e inicia sua fala, um ponto importante é a forma a qual inicia a abertura do roteiro denominando a região como “África Liberdade” e discorre explicando o porquê da atribuição do nome pelo grupo. Assim, começa falando sobre a chegadas de africanos no Brasil e sobre a suas instalações em diferentes estados até chegarem em São Paulo, o guia Guilherme ao abarcar a chegada desses africanos em situação de escravizados para mão de obra necessária nas lavouras cafeeiras, isso de forma reduzida e didática, adentrando a origem do bairro Liberdade no período colonial.

Essas pessoas começam a chegar na cidade de São Paulo para trabalhar para esses barões de café que aqui estavam instalados, naquele momento era essa vila que estava crescendo e ela era um triângulo histórico da região da Sé, a liberdade estava fora do triângulo histórico, então as primeiras pessoas libertas foram morar nessa região, então a liberdade nasceu como um bairro onde as primeiras pessoas negras libertas moravam.(SOARES, 2019)

Figura 4-Guia/fundador da agência falando sobre o território.



Fonte: Acervo pessoal.

Em seguida nos direciona o olhar para a estação de metrô e explica sobre as formas de castigos que existiam naquele período. Logo, informa que num certo momento naquele espaço ocorriam os enforcamentos em praça pública. Observando o espaço citado, pode-se perceber a placa da estação de metrô e sua entrada, acrescida em sua frente o caminho das feiras orientais. Os acompanhantes da atividade, mesmo atentos, pareceram surpresos diante do fato mencionado.

Figura 5-Largo da Forca/ Praça Liberdade.



Fonte: Google Maps.

Partindo para outro ponto de análise, o guia nos chama atenção, perpassando esses espaços de repressão, sobre as formas de resistências que ocorreram ali, nos informando que no início do século XX, houve a fundação da escola de samba “Lavapés” pela madrinha Eunice, e ali na praça seria onde eram realizadas as marchas da escola. Entretanto, ao visualizarmos o espaço não encontramos nenhum tipo de sinalização, assim, Guilherme nos informa que ainda há uma luta reivindicativa pelas entidades do movimento negro e daqueles que ocuparam a própria escola para que haja algum símbolo que remeta a escola de samba naquele espaço devido a memória presente nessas comunidades. Através dessas reivindicações, o mesmo nos informa que através dessa movimentação, a prefeitura de São Paulo prometeu a essas entidades o estabelecimento de uma estátua em homenagem a Madrinha Eunice, juntamente a outras quatro estátuas que seriam espalhadas pelo centro do município. Dessa forma, o guia finaliza sua fala nos direcionando para o próximo ponto, da seguinte maneira: “nossa história foi apagada dos centros, dos livros, da mídia, então por isso a gente fala da importância de contar essas histórias.”

Partindo para o outro ponto estabelecido no roteiro, descemos a rua dos estudantes e viramos à esquerda na rua na sem saída, uma rua abaixo da via principal da Liberdade, a rua dos aflitos. Ao descer a rua e adentrar ao espaço do outro ponto turístico, conseguimos visualizar mais luminárias e comércios, acompanhados de vários carros estacionados no entorno e pessoas as quais estavam ali a trabalho.

Figura 6-Rua dos Estudantes.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao chegarmos ao final da rua, nos deparamos com uma pequena capela a qual se encontrava fechada, aguardando todos que acompanhavam o roteiro, ia analisando ao redor desta capela, não foi possível visualizar muitos itens, mas o que era possível enxergar eram os “lambe-lambe” na sua entrada com programações e sobre os projetos que eram desenvolvidos ali. O guia inicia sua fala apresentando o lugar como “aqui era o lugar onde pessoas negras eram enterradas, aqui tinha um cemitério chamado o cemitério dos aflitos, esse caminho era o caminho do cemitério e essa era a capela dele que foi fundada em 1779, chamada capela dos aflitos”.

Figura 7- Capela Nossa Senhora dos Aflitos.



Fonte: Acervo pessoal.

No momento da apresentação, é possível visualizar a capela de imediato. Logo, de maneira oral e informal, o guia turístico nos apresenta o tombamento da Capela Nossa Senhora dos Aflitos e fala sobre sua restauração, a qual, conforme cita o mesmo, se deu devido a um caso de incêndio, o qual desconfigurou sua fachada original. Já quanto ao cemitério citado, não é possível visualizá-lo, o que acaba por gerar questionamentos entre os acompanhantes da caminhada e os instigando a saber onde se encontrava. Por conseguinte, Guilherme cita sobre a recente descoberta do cemitério dos Aflitos, “quando foram construir o metrô, eles descobriram ossos no cemitério e eles não fizeram nada com isso, passaram o progresso em cima da história e essa história continua soterrada, um comerciante chinês iria construir um prédio comercial aqui e aí paralisaram e desapropriaram o terreno”. Dessa forma nos direciona o olhar para um espaço muito pequeno ao lado direito da capela, em que só foi possível visualizar paredes de madeira em que todos tiveram que ir um por vez caso quisessem.

Recentemente, em sites de notícia como G1, folha do estado de São Paulo, foi possível encontrar reportagens que falassem sobre a descoberta ocorrida em dezembro de 2018, constando que fora encontrado um sítio arqueológico e de acordo com os pesquisadores se tratavam de ossadas humanas de pessoas executadas na antiga forca existente na região, pessoas indígenas e negros escravizadas.

Tornando-se objeto de pesquisa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a região do sítio foi tombada pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) e pelo Condephaat, reconhecendo que os vestígios encontrados tem importância para a história da cidade e são meios de não se esquecer do que já veio a ser o bairro.

Figura 8-Cemitério dos Aflitos.



Cemitério dos aflitos. Fonte: G1. (2020)

Adicionalmente, Guilherme dá sequência comentando novamente sobre as formas de resistência naquele espaço. Em princípio, informa que a história a qual pretende contar é passada durante as missas as quais ocorrem na capela dos aflitos e por outros grupos os quais trabalham na manutenção daquele espaço. Logo, nos conta sobre um cabo negro do exército que liderou uma revolta, em 1821, em função do atraso dos salários dos soldados brasileiros, juntamente a Joaquim José Cotindiba, não obtendo sucesso, se encarregou de ser julgado e condenado à força sozinho. Conforme bem pontua o guia, houveram três tentativas de enforcamento do cabo negro e todos tiveram uma grande mobilização por parte da população negra residente na região, essas diferentes tentativas ocorreram por conta do rompimento da corda envolta de seu pescoço e em meio a esse ato todos clamavam pela liberdade de José, passando a enxerga-lo como algo divino, uma espécie de Santo e originando o nome do atual bairro Liberdade.

O cabo negro, chamado José Francisco Chagas ou conforme mais conhecido, por “Chaguinhas”, antes de ser condenado à força os contos populares informam que o mesmo permaneceu durante um curto período num quarto na capela. Atualmente, Guilherme nos conta que fiéis frequentadores das missas na Capela e aqueles que conhecem a história, fazem pedidos acendendo suas velas e batendo três vezes na porta do quarto que é mantido fechado. Através do comentário do guia sobre esse ato, conseguimos observar a forma de transmissão de uma tradição oral é uma forma de manutenção dessas memórias da população negra em meio ao espaço.

Guilherme nos comenta sobre a atuação de diferentes atores sociais na luta pela construção de memorial no local do cemitério dos aflitos, mas não cita quais são, o que leva a deixar dúvidas. Por outro lado, em frente a capela foi possível captar pequenas informações sobre esses grupos conforme citado anteriormente. Como exemplo, a União dos Amigos da Capela dos Aflitos (UNAMCA), um coletivo fundado juntamente com a descoberta do sítio arqueológico (2018), que atua na preservação por meio da propagação da história da capela e do cemitério e sobre sua relação com o bairro.

Seguindo para um dos últimos pontos estabelecidos no roteiro, descendo a rua dos estudantes e virando na rua da glória, nos direcionamos para o ponto do roteiro denominado “Pelourinho”, ao caminhar pela rua da glória, vemos que não faz parte da rua principal do bairro, mas ainda conseguimos visualizar luminárias e mais comércios de produtos orientais. Ao continuar o trajeto, o guia Guilherme nos chama atenção para a forma de sinalização que remete o próximo ponto do roteiro conforme indica a imagem a seguir:

Figura 9-Placa colocada na Jornada do Patrimônio em 2019.



Fonte: Acervo pessoal.

A referida sinalização partiu de um projeto do Departamento de Patrimônio Histórico juntamente à Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, na edição de 2021 na Jornada do Patrimônio que teve como objetivo, segundo os referidos órgãos, “salvaguardar da história paulistana que entrelaça ações da sociedade e do poder público para a preservação de memórias paulistanas”, através do mapeamento de pontos, com placas, que remetiam resistências negras, sociabilidades do cinema, a memória operária, as histórias da assistência à saúde na cidade, resistência negra, lutas da população LGBTQIA+, histórias do teatro, do samba, da arquitetura modernista, o futebol de várzea e os povos indígenas paulistanos.

Ao chegar no Largo Sete de Setembro, é possível enxergar a Catedral Metropolitana de São Paulo e o pátio de São Paulo. Realizamos uma roda e o guia Heitor iniciou sua fala, nos informando que “a praça sete de setembro era onde ficava o pelourinho na praça de São Paulo, onde muitos dos nossos ancestrais eram castigados por não estarem adequados a sociedade naquele momento.” Em sua fala, Heitor, possibilita a observação sobre sua particularidade em meio às memórias representadas naquele espaço, reforçando a noção de pertencimento que os territórios proporcionam aos diferentes grupos sociais.

Em seguida nos traz fatos recentes sobre formas de racismo a qual teve conhecimento em São Paulo, como o caso do jovem de dezessete anos torturado por um segurança no mercado na Zona sul de São Paulo, causando uma forma de comoção sob aqueles que realizavam a caminhada e demonstra como o racismo enquanto ferramenta estruturante da sociedade atual.

Por fim, a Caminhada São Paulo Negra teve sua continuidade pelos outros doze pontos turísticos no Centro Histórico de São Paulo demarcados no roteiro. Porém, tendo em vista que o estudo envolveu a região do bairro Liberdade, não houve necessidade de apresentação sobre os demais pontos, o que acabou por ter um recorte para apresentação, apenas os lugares que abrangeram a região necessária para o presente estudo.

Figura 10- Largo Sete de Setembro/Antigo pelourinho em São Paulo.



Fonte: acervo pessoal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo os diálogos estabelecidos entre memória e identidade e sobre como esses conceitos reverberam sob os patrimônios culturais, ferramentas essas que estão em constante diálogo com a sociedade e que servem de instrumento para apresentação de histórias sociais na prática do turismo cultural. Buscou-se analisar como e quais as resistências negras estavam representadas em meio às práticas turísticas no bairro Liberdade em São Paulo. Refletindo sobre seu processo de urbanização e revitalização atrelado aos processos de segregação espacial e gentrificação proporcionados a população negra na região em função de um racismo estrutural, o qual moldou diferentes camadas da sociedade em âmbitos políticos, econômicos, sociais e culturais.

Ao analisar as formas de representações patrimoniais existentes em meio a capital paulista, é notório as tentativas de apagamentos proporcionadas às memórias e identidades negras por parte de setor público e privado com suas urbanizações no centro histórico, revitalizações atribuídas aos distritos existentes e as políticas de imigrações difundidas ao exterior europeu propagadas principalmente pelo Governo Paulista.

O bairro Liberdade, no período colonial caracterizado enquanto uma zona rural, ocupada por chácaras e cortiços, vindo a ser palco de arruamentos, urbanizações revitalizações pós abolição em 1888 e com instauração da república em 1889. Acaba por servir de exemplificação dessas tentativas de apagamentos sistematizados dessas outras identidades as quais abarcam a história da formação de São Paulo, por parte do Estado, com os favorecimentos fornecidos à ocupação de japoneses na região, os quais perpetuam-se em tempos recentes com a comercialização turística e instrumentalização da cultura japonesa atrelado ao desenvolvimento econômico do espaço.

Demonstrando que a invisibilidade de outros grupos são normalizados em função de um racismo estrutural que se estabelece nas entranhas da sociedade brasileira, ficando compreendido na essência da construção do Brasil a partir da dominação em função da ideia de racialização, o que leva alguns costumes, culturas e memórias serem excluídos em favor da ideia de “nação” constituída.

Cabendo demonstrar as diferentes abordagens as quais o turismo cultural proporciona de acordo com sua forma de planejamento. Ou seja, pontuando diferenças entre a abordagem de um turismo cultural que traz reivindicações de reintegrações socioculturais de outros grupos étnicos em meio a atividade, cooperando para a democratização da memória social da população negra diante as tentativas apagamentos e silenciamentos. E de um turismo cultural comercial, o qual trabalha com interesses mercadológicos, direcionando o olhar o turista com uma espetacularização da cultura a partir de um enaltecimento

hegemônico de um grupo social.

Diante os objetivos específicos: 1. Identificar quais as formas de resistência relacionada a população negra no Bairro da Liberdade; 2. Identificação de atividades turísticas sob as formas de resistência relacionadas à população negra; 3. Acompanhamento de eventos voltados para cultura nipônica no Bairro da Liberdade e também relacionados a cultura negra;. Pode-se dizer que foi possível identificar as formas de resistência da população negra mas demonstrando as tentativas de invisibilidade existentes, em função da comercialização turística étnica de um grupo social predominante que ocorre na região. Relacionado às as diferentes formas de atuações turísticas, realizou-se o acompanhamento observacional do roteiro turístico, intitulado “Caminhada São Paulo Negra” oferecido pela agência “Guia Negro”, com a apresentação de patrimônios históricos culturais relacionados à população negra e a partir de outras visitas contabilizar comércios e estruturas que remetem a cultura nipônica. Já Relacionado ao acompanhamento de atividades culturais, houveram limitações, em função do período pandêmico vivenciado pela população brasileira, como também mundialmente, pois as atividades estavam sendo inicialmente retomadas presencialmente o que ocasionou a não realização dos eventos tradicionais na região tanto voltados a cultura nipônica quanto a cultura negra, que caracterizava-se enquanto um dos pontos de análise dentro do projeto de pesquisa.

Portanto, a partir dos pontos analisados na pesquisa, julgo interessante que a presente pesquisa possa contribuir para pesquisas futuras que tenham o intuito de trabalhar com reflexões sobre a formação de São Paulo, evidenciando a presença dessas memórias e trajetórias negras e indígenas as quais são presentes em suas diferentes expressões culturais. Servindo também de horizonte para nós turismólogos pensarmos numa prática e para professores quanto a teorização, de um turismo mais socialmente politizado, possibilitando o acesso à informação e ao conhecimento de forma didática que tal prática fornece tanto em salas de aula quanto fora delas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adichie, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2019.

Brasil sobe duas posições no ranking mundial de contribuição do turismo em 2021: Crescimento foi impulsionado pela demanda de viagens internas e ultrapassou países como Canadá e Austrália. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2022/09/brasil-sobe-duas-posicoes-no-ranking-mundial-de-contribuicao-do-turismo-em-2021>. Acesso em: 8 dez. 2022.

Da Silva, Glauber Paiva. **Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial**. Anpuh Brasil. 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA; Recife; 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553116115_arquivo_nocoeseidentidadedestuarthall.pdf

Dias, Reinaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. Ed Saraiva. São Paulo. 2006.

Do turismo, Ministério. **Segmentação do turismo e o mercado**. 1º. ed. [s.n]. Brasília. 2010.

De Souza Minayo, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21º ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2011

Fontan Köhler, André; Garcia Durand, José Carlos **Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências Turismo**. Universidade do Vale do Itajaí Camboriú: Visão e Ação, v. 9, nº2. 2007.

FEDERAL, Senado. **Constituição**. Brasília (DF), 1988.

G1. Covas sanciona lei que cria memorial em terreno na Liberdade onde ossadas do tempo da escravidão foram encontradas. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/30/covas-sanciona-lei-que-cria-memorial-e-m-terreno-na-liberdade-onde-ossadas-do-tempo-da-escravidao-foram-encontradas.ghtml>.

Acesso em: 17 de dezembro de 2022.

GUIMARÃES, L. de B. M. **Série: história dos bairros de São Paulo**. Vol.16 – Liberdade. Prefeitura de São Paulo, Secretaria da Cultura, DPH, São Paulo: 1979

Halbwachs, Maurice. **La memoria colectiva**. Prensas de la Universidad de Zaragoza. 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: ed DP&A. 2006.

Lara, Wallace; BRIONE, Ariane. **Adolescente que aparece em vídeo sendo torturado relata que foi chicoteado com fios elétricos em SP**. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/02/adolescente-que-aparece-em-video-sendo-torturado-relata-que-foi-chicoteado-com-fios-eletricos-em-sp.ghtml>. Acesso em: 11 dez. 2022.

Le Goff, Jacques. **História e memória**. 2003

Lisbôa Müller, Renato; Borsatto Sommer Da Silva, Rodrigo. **Planejamento e Organização do Turismo**. UNIASSELVI. 2022

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. **Urbanização turística um novo nexos entre o lugar e o mundo**. In LIMA, Luiz Cruz (org.). Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998

Machado, Carlos Eduardo. **O passado como recurso: sociabilidade, autoridade e memória no centro-oeste paulista**. Revista Aurora, v. 9 nº. 01. 2016. e-ISSN: 1982-8004.

Meneses, José Newton Coelho. **História & Turismo Cultural**. Editora autêntica, 1º ed. Belo Horizonte. 2006.

MENESES, Ulpiano T. **Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares**. Revista brasileira de história, v. 23, p. 11-36. 2003.

Minayo, Maria Cecília de Souza. et al. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21ª edição. Petrópolis. Editora Vozes. 2002.

Nora, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Ediciones Trilce, 2008.

Negawa, S. **Formação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000**. Dissertação (mestrado). São Paulo: FFLCH, USP. 2000

Paiva, Odair Cruz. **Territórios da migração na cidade de São Paulo: afirmação, negação e ocultamentos**. Rivista dell'Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea. Torino, Itália. 2011.

Richards, Greg. **Turismo cultural: padrões e implicações**. [s/e]. 2009.

RODRIGUES, D. **Patrimônio cultural, me-mória social e identidade: uma abordagem antropológica**. Revista Ubimuseum, v. 1, p. 45-52, 2012.

Salgueiro, Valeria. **Grand Tour: uma contribuição à historia do viajar por prazer e por amor à cultura**. Revista Brasileira de História: Scielo. São Paulo, 2002.

Santos Campos, Suzana. **A Atividade Turística e a (des)Ordenação do Espaço Geográfico**. VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Anptur. 2009. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfefindmkaj/https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/174.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2022.

Silvia marques De Melo Issa, Yara; Freitas Maneti Dencker, Ada. **Processos de Turistificação: Dinâmicas de inclusão e exclusão de Comunidades Locais**. IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL: Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 11 dez. 2022.

SOUZA, Bruna Miyazaki de. **Memórias da liberdade: uma análise das mudanças no bairro da Liberdade, em São Paulo a partir da renomeação da estação de metrô para “Japão-Liberdade”**. Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal. 2020.

Vianna, Andrea de Albuquerque. **IDENTIDADE NACIONAL NA ERA VARGAS: turismo, patrimônio, política e muito mais**. XVIII ENANPUR. Natal, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=816>

NUP: 23081.017546/2023-47

Prioridade: Normal

Homologação de ata de defesa de TCC e estágio de graduação

125.322 - Bancas examinadoras de TCC: indicação e atuação

COMPONENTE

| Ordem | Descrição | Nome do arquivo |
|-------|--|----------------------|
| 4 | Trabalho de conclusão de curso (TCC) (125.32) | TCC VERSÃO FINAL.pdf |

Assinaturas

10/02/2023 15:43:27

GILVAN ODIVAL VEIGA DOCKHORN (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)
06.96.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE TURISMO - DTUR

20/02/2023 10:53:07

MARCELO RIBEIRO (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)
06.96.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE TURISMO - DTUR

21/02/2023 10:17:30

NAOMY CARVALHO PIRES (Aluno de Graduação)
06.09.28.01.0.0 - Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo - 1084804



Código Verificador: 2365684

Código CRC: f2bc0a2a

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

